

A (des)construção das violências de gênero nas famílias e na sociedade

Prof^a Dr^a Denise Falcke

Conceitos



Gênero

“Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86)

▸ Conceitos

Violência de Gênero

Toda forma de agressão intencional desferida contra alguém em função do seu gênero.






A violência de gênero estrutura-se a partir da concepção de que os seres humanos possuem, em função do seu gênero, papéis, poderes e status desiguais na vida privada e pública.

Sexualidade


Trabalho

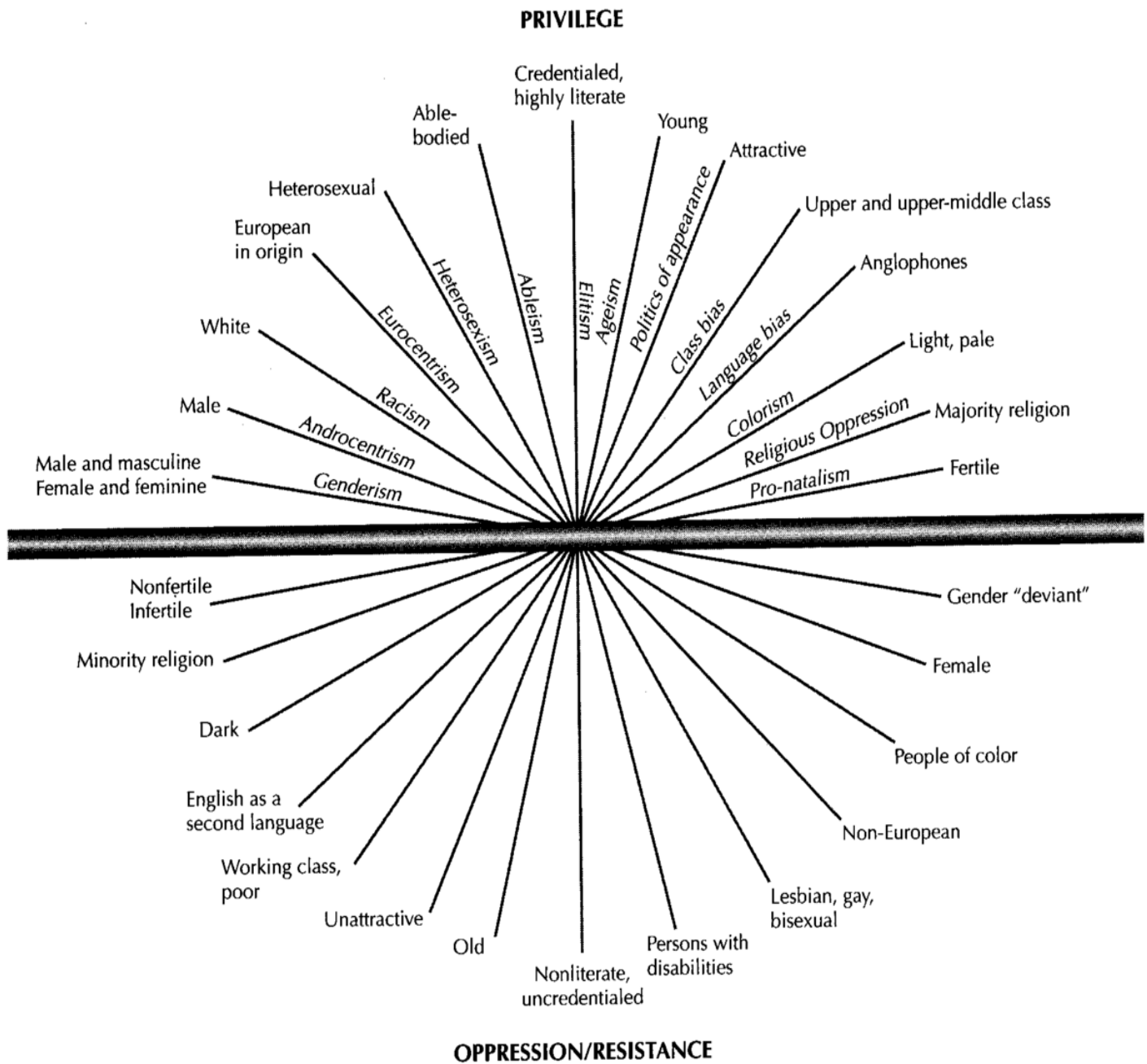
Strey (2001) destaca que na base dos sistemas de estratificação de gênero está a divisão do trabalho conforme o gênero.





Refletir sobre a violência de gênero demanda considerar o corpo (características sexuais anatômicas e metabólicas), a mente (desejos, identidades) e as orientações/práticas sexuais. Todavia, mais importante do que as questões individuais, demanda compreender como as sociedades/culturas normatizam as relações sexuais e de gênero, entre outros marcadores de poder.





FEMINICÍDIOS



946
casos são
feminicídios (quando
o crime é motivado
pelo fato de a vítima
ser mulher)



16,5% a mais
que em 2016

* 3 estados não contabilizam os dados de feminicídios no país (CE, RO e TO)

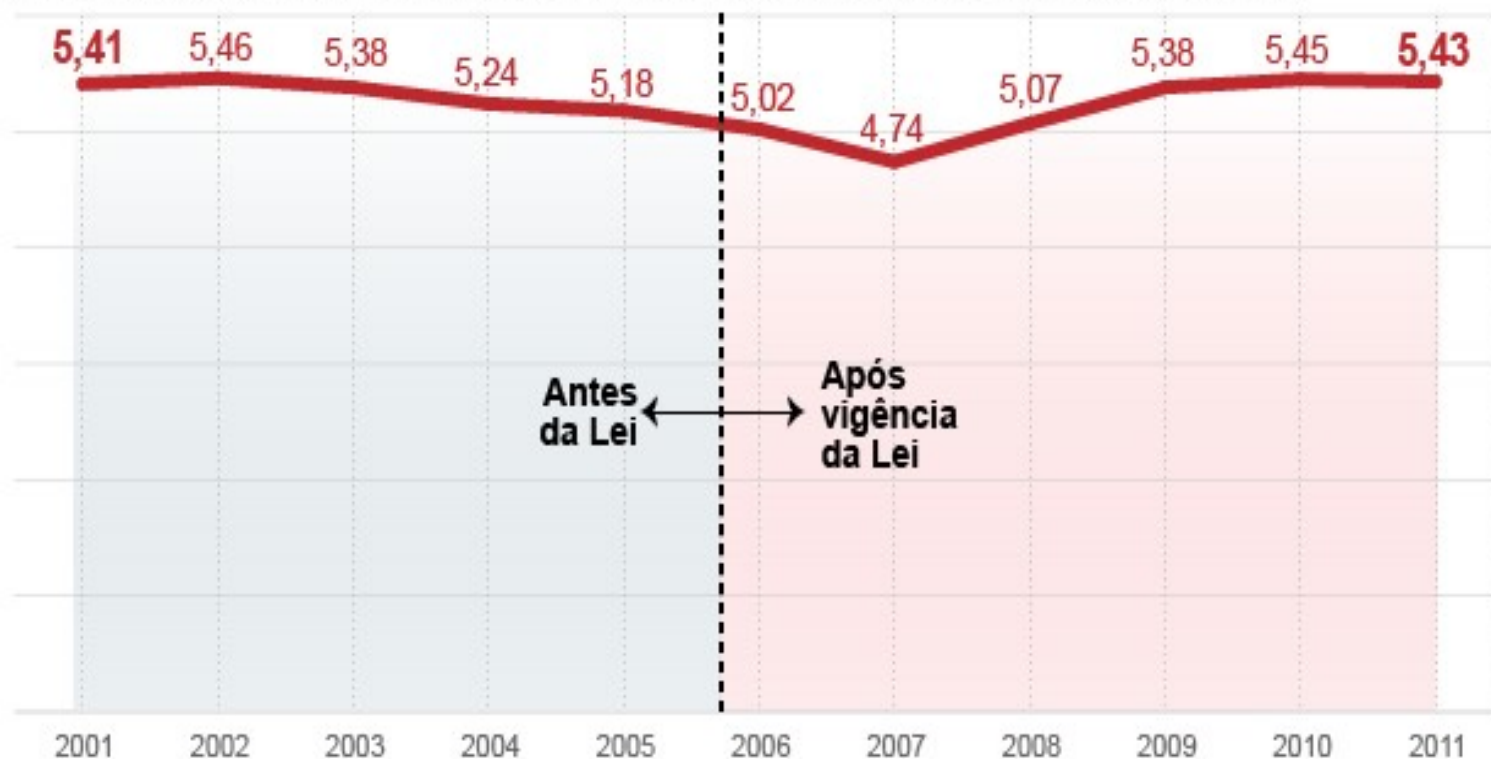
Índices de violência - 2016

- 1 denúncia de violência contra mulher a cada 7 minutos

(Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, 2016)

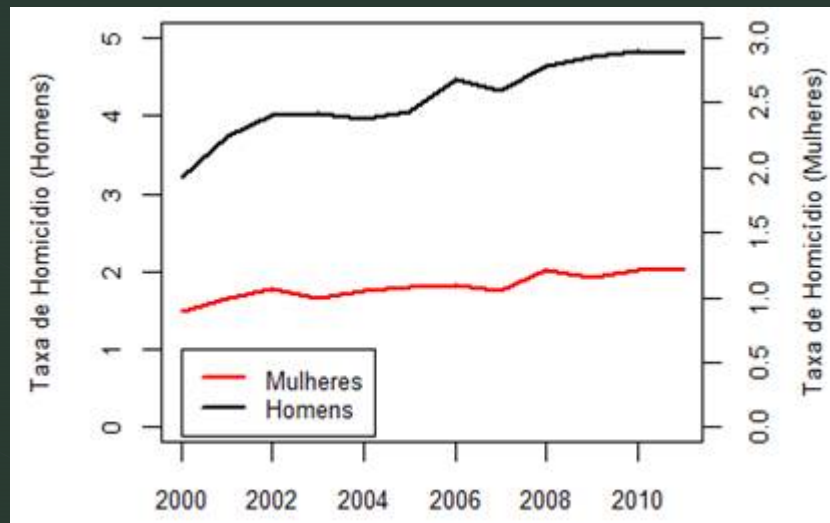
Mortalidade de mulheres por agressões

Taxa de mortalidade, por 100 mil mulheres, antes e após a vigência da Lei Maria da Penha



Fonte: Estudo 'Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil', Ipea 2013

HOMICÍDIOS DENTRO DE CASA



Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) fez diminuir em 10% a projeção de aumento do número de homicídios de mulheres dentro de suas residências

(Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 2015).

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

- Praticamente 100% das mulheres declararam saber existência da Lei Maria da Penha;
- Uma em cada cinco declara já ter sofrido algum tipo de violência. Dessas, 26% ainda convivem com o agressor.

(DataSenado, 2015)

- 80% das mulheres agredidas não querem que o autor da violência seja punido com prisão

(Ipea, 2015)

- Espontaneamente 2% dos homens admitem ter cometido violência sexual contra uma mulher e, diante de uma lista de situações, 18% **reconhecem terem sido violentos**. Isso corresponde a quase um quinto dos 100 milhões de homens brasileiros.
- (Pesquisa “Percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil”, Instituto Paula Galvão e Locomotiva, 2016)

Os principais estudos sobre violência de gênero estão centrados na violência dos homens contra as mulheres. Ainda que seja o tipo de violência mais frequente, tal centralidade, de alguma forma, pode limitar a compreensão do fenômeno, pois desconsidera a diversidade das identidades/orientações sexuais.

Principalmente, continua pautada em uma noção binária homem-mulher, desconsiderando o fato de as expressões da sexualidade humana não serem sempre unívocas e singulares, mas diversas e plurais.

(Faleiros, 2007).

Violência
identitária



Não permite às pessoas adotarem o gênero, a identidade ou os comportamentos que desejam

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mulheres

Principais vítimas da violência conjugal

(DAY et. al., 2003; SUS, 2008)

Homens

11,5% a 30,54%
Como vítimas da
Violência conjugal

(CARMO; GRAMS;
MAGALHÃES, 2011;
FEHRINGER; HINDIN,
2009; ALVIM, SOUZA,
2005)

ENTRETANTO

▸ Nossos dados





Nosso
relaciona-
mento é um
moinho que
vira, revira e
desvira



Entre
tapas e
beijos



Esse é
nosso
amor
bandido

- Falar de violência contra o homem é tabu
- A maioria dos homens vítimas de violência doméstica reage "com silêncio" às agressões e os que recorrem ao sistema de apoio avaliam-no negativamente por sentirem que são incompreendidos e novamente vítimas
- Segundo as estatísticas criminais de Portugal, uma em cada quatro vítimas de violência doméstica é homem

(Machado e Matos, Universidade do Minho, 2017)

- Oliveira e Souza (2006) questionam: Que tipo de violência está sendo trabalhada ou mesmo produzida pelos profissionais da saúde, quando apenas as mulheres são “acolhidas”, “fortalecidas” e “empoderadas” e os homens, quando são atendidos, o são unicamente na condição de agressores?
- Estereótipos de gênero são prejudiciais a todos os seres humanos.

CONTROVÉRSIAS NA LITERATURA

Assimetria de gênero

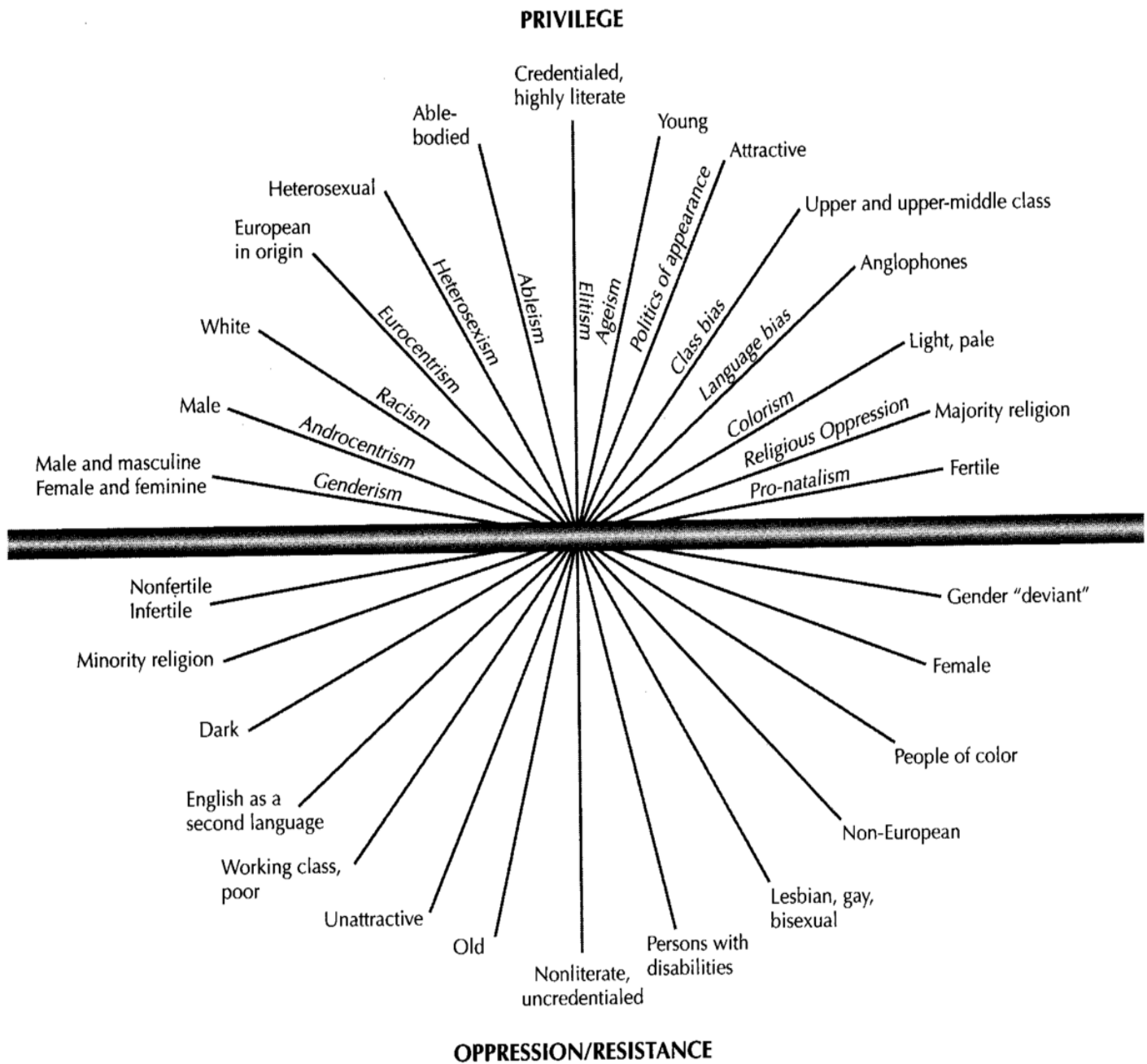
(Gomes et al., 2007; Johnson, 2011; Pazo & Aguiar, 2012)

Simetria de gênero

(Gómes & Montesino, 2014, Straus, 2011)

Diferentes formas de manifestação da violência - necessidade de análises mais individualizadas

(Ibaceta, 2011; Langhinrichsen-Rohling, 2010)



Considerações Finais

- A perpetuação dos estereótipos de gênero é resultado do que é feito na família, na escola/universidade, na TV, nas redes sociais, na comunidade.



Chá de revelação



#maedemenino

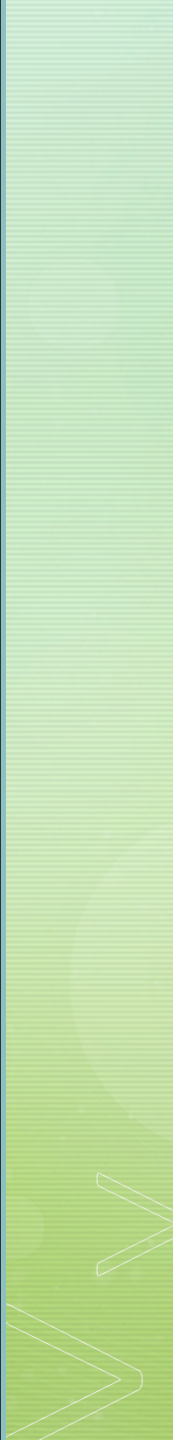


#maedemenina



Pedagogia da violência

“Te bato porque te quero bem”





“Em lugar de nos perguntarmos sobre o que é *Gênero*, será que não deveríamos buscar a compreensão de como esta denominação está se *Construindo/Desconstruindo?*” (Guedes, 1995)

Essa discussão é extremamente necessária para a construção de uma sociedade menos violenta, mais justa e mais igualitária na sua diversidade.

Referências

Carr, A. (2014). The evidence base for couple therapy, family therapy and systemic interventions for adult-focused problems. *Journal of Family Therapy*, 36(2), 158-194. doi:10.1111/1467-6427.12033

Faleiros, E. (2007). Violência de gênero. In: S. Taquette (org.). *Violência contra a mulher adolescente/jovem*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2007 (pp. 61-66).

Guedes, M^a E. F. (1995). Gênero, o que é isso?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 15(1-3), 4-11.

Ibaceta, F. (2011). Violencia en la pareja: ¿Es posible la terapia conjunta? *Terapia Psicológica*, 29(1), 117-125. doi:10.4067/s0718-48082011000100012

Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies involving gender and intimate partner violence in the United States. *Sex Roles*, 62(3-4), 179-193. doi: 10.1007/s11199-009-9628-2

Marasca, A., Colossi, P., & Falcke, D. (2013). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática de 2006 a 2011. *Temas em Psicologia*, 21(1), 221-243.

Morgan, K. P. (1996). Describing the emperor's new clothes: Three myths of educational (in)equality. In A. Diller, B. Houston, K. P. Morgan, & M. Ayim (Eds.), *The gender question in education: Theory, pedagogy, & politics*. Boulder, CO: Westview.

Referências

Nybergh, L., Taft, C., & Krantz, G. (2012). Psychometric properties of the WHO Violence Against Women instrument in a male population-based sample in Sweden. *BMJ open*, 2(6), 1-7. doi:10.1136/bmjopen-2012-002055

Oliveira, D.C.; ouza, L. 2006. Gênero e violência conjugal concepções de psicólogos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6: 34-50

Santos, C. M, Izumino, W. P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, 16(1), 148 -164.

SCOTT, Joan. ***Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade***. 20 (2), p.71-99, 1995.

Straus, M. A. (2012). Blaming the messenger for the bad news about partner violence by women: the methodological, theoretical, and value basis of the purported invalidity of the Conflict Tactics Scales. *Behavioral Sciences & the Law*, 30(5), 538-556. doi: 10.1002/bsl.2023

Stith, S. M., McCollum, E. E., Amanor-Boadu, Y., & Smith, D. (2011). Systemic perspectives on intimate partner violence treatment. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 220-240. doi:10.1111/j.1752-0606.2011.00245.x

Vall, B., Seikkula, J., Laitila, A., & Holma, J. (2015). Dominance and dialogue in couple therapy for psychological intimate partner violence. *Contemporary Family Therapy*, 38(2), 223-232. doi:10.1007/s10591-015-9367-1



Muito Obrigada!

dfalcke@unisin.br